

O DESENVOLVIMENTO DA EMPATIA NA SALA DE AULA: PESQUISAS E INTERVENÇÕES COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Lilian Kelly de Sousa Galvão ¹

Marília Pereira Dutra ²

Viviane Alves dos Santos Bezerra³

RESUMO

O objetivo desse trabalho é apresentar três pesquisas, duas de caráter interventivo e uma de caráter correlacional, que compartilham a ideia de que é possível desenvolver a empatia no ambiente de sala de aula com crianças e adolescentes. A empatia é definida, com base em M. Hoffman, como a experiência vicária de colocar-se no lugar do outro, e vivenciar uma resposta afetiva que é mais adequada à situação de outra pessoa do que a sua própria situação. Sobre o método utilizado nas pesquisas que serão apresentadas, observa-se o uso de intervenções em ambiente de sala de aula, com alunos do ensino fundamental e médio, que foram avaliados de forma quantitativa e qualitativa. Os dados foram analisados por meio de estatísticas descritivas, inferenciais e analíticas de L. Bardin. As pesquisas foram aprovadas pelo Comitê de Ética. Os resultados das pesquisas corroboram os estudos que consideram a habilidade empática como uma variável que pode reduzir comportamentos agressivos e pode favorecer comportamentos altruístas. Por fim, discute-se, por meio das pesquisas apresentadas, que a escola é um lugar não só de aquisição de conhecimentos acadêmicos, mas também de educação, (re)existência, mudança e conscientização, um lugar de formar cidadãos que são capazes de se colocar no lugar do outro, de sentir o que o outro sente e de agir de forma altruísta.

Palavras-chave: Empatia, Comportamentos Agressivos, Suicídio.

INTRODUÇÃO

É possível desenvolver a empatia no ambiente de sala de aula com crianças e adolescentes? Se sim, que estratégias metodológicas de intervenção devem ser utilizadas? O desenvolvimento da empatia reduz comportamentos agressivos? O desenvolvimento da empatia torna os adolescentes mais sensíveis a pessoas com risco de suicídio? Essas e outras perguntas têm sido investigadas em pesquisas desenvolvidas por alunos/as de iniciação

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Docente do Curso de Psicopedagogia da UFPB, liliangalvao@yahoo.com.br

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, mdutracc@gmail.com

³ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, vivianebezerrapsi@gmail.com.

científica, mestrado e doutorado vinculados ao Núcleo de Pesquisa em Desenvolvimento Sóciomoral (UFPB).

Especificamente nesse texto serão compiladas três pesquisas que foram apresentadas em um *webinário* temático no VI Congresso Nacional de Educação (CONEDU) - 2020. A primeira, intitulada “Estratégias metodológicas para o desenvolvimento da empatia em ambiente educacional”, objetivou discutir que estratégias didáticas podem ser utilizadas para a promoção da empatia dentro da escola. A segunda, denominada “Empatia e Comportamentos agressivos infantis”, buscou investigar qual a melhor estratégia para diminuir comportamentos agressivos. A terceira, “Suicídio na adolescência: empatia e disposição para ajudar”, investigou se o desenvolvimento da empatia pode aumentar a disposição que uma pessoa tem para ajudar outra que corre risco de suicídio.

A empatia é definida pelas autoras das três pesquisas, com base em Hoffman (2000), como a experiência vicária de colocar-se no lugar do outro e vivenciar uma resposta afetiva que é mais adequada à situação de outra pessoa do que a sua própria situação. A partir das considerações desse autor a respeito da empatia e dos estudos empíricos que demonstram os variados benefícios dessa habilidade para a vida do ser humano é que, as autoras deste trabalho, se dedicaram a investigar de que forma a empatia pode contribuir para o desenvolvimento saudável e para uma cultura de paz no ambiente escolar.

A pesquisa “Estratégias metodológicas para o desenvolvimento da empatia em ambiente educacional” avaliou a eficácia de duas estratégias interventivas para a promoção da empatia em crianças, uma que privilegia o componente afetivo, mediante o uso do psicodrama, e outra que mescla experiências afetivas e cognitivas, a partir do uso do psicodrama associado à roda de conversa. A primeira proposta, a afetiva, baseia-se no pressuposto de que a ação de atuar pode favorecer o desenvolvimento da empatia (VERDUCCI, 2000), na medida em que as cenas interpretadas promovem a imaginação empática; a segunda proposta, a afetiva-discursiva, inspirada na pesquisa-intervenção realizada por Galvão (2010), tem como pressuposto o fato de que o simples desenvolvimento da imaginação empática, por meio da atuação, não é suficiente para saber como o outro está pensando ou sentindo; havendo, portanto, também a necessidade de reflexões cognitivas a respeito (ARNOLD, 2003).

Independente da estratégia utilizada para desenvolver a habilidade empática, diferentes estudos apontam que a Empatia pode oferecer inúmeros benefícios, como a redução de comportamentos agressivos. Desse modo, a pesquisa intitulada “Empatia e Comportamentos agressivos infantis” comparou os efeitos de duas estratégias que têm por finalidade reduzir

comportamentos agressivos na infância, a saber, a técnica “afetiva-discursiva” para a promoção da empatia e a “informativa-discursiva”, com base no uso de rodas de conversas sobre temáticas acerca da agressividade, ambas inspiradas nos pressupostos e resultados da pesquisa citada anteriormente e nos estudos de Galvão (2010), mas desta vez confrontou-se o afeto e a cognição com relação a redução de comportamentos agressivos. Sublinha-se que o comportamento agressivo é definido, nesta pesquisa, em consonância com o conceito de Staub (1975), de que são comportamentos que procuram infligir sofrimento ou dor em outra pessoa.

Apesar de se observar que a empatia vem sendo, ao longo dos anos, uma variável associada aos comportamentos pró-sociais e altruístas (HOFFMAN, 1981; BUSSAB, 1997; DUTRA *et al.*, 2017), a investigação sobre a influência da empatia na disposição de uma pessoa para ajudar alguém que apresenta risco de suicídio tem sido limitada. Assim, a pesquisa “Suicídio na adolescência: empatia e disposição para ajudar”, objetivou investigar de que modo o grau de empatia de adolescentes se relaciona com a sua disposição para ajudar uma pessoa em risco de suicídio.

METODOLOGIA

Os três estudos realizados, apesar de terem muitas semelhanças no delineamento metodológico, serão apresentados de forma separada para que o leitor tenha uma compreensão das especificidades de cada um.

1) Estratégias metodológicas para o desenvolvimento da empatia em ambiente educacional

Diante do volume de dados oriundos dessa pesquisa, que foi realizada com uma abordagem quantitativa e qualitativa, será priorizado, nesse manuscrito, a descrição metodológica qualitativa.

Delineamento

Trata-se de uma pesquisa-intervenção, com delineamento experimental e corte longitudinal, realizada com dois grupos experimentais e um de controle: (1) Grupo Técnica Afetiva (GTA): os participantes realizaram exercícios psicodramáticos para a promoção do desenvolvimento empático. (2) Grupo Técnica Afetiva-Discursiva (GTAD): os participantes realizaram exercícios psicodramáticos e rodas de conversa sobre os temas abordados, para a

promoção do desenvolvimento empático. (3) Grupo de controle (GC): os participantes não foram submetidos a nenhuma intervenção. Para avaliar os grupos, realizou-se pré-teste, pós-teste e *follow-up* (após seis meses).

Participantes

57 alunos/as do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB/BR, provenientes da comunidade local, distribuídos em três grupos: (1) Grupo Técnica Afetiva (GTA) – participaram 19 alunos/as, sendo 11 meninos e 8 meninas, entre 8 e 10 anos de idade (M=9; DP=0,53). (2) Grupo Técnica Afetiva-Discursiva (GTAD) – participaram 19 alunos/as, sendo 11 meninos e 8 meninas, entre 8 e 13 anos de idade (M=9; DP=1,16). (3) Grupo de Controle (GC) – participaram 21 alunos/as, sendo 10 meninos e 11 meninas, entre 7 e 12 anos de idade (M=9; DP= 1,22).

Instrumento de coleta de dados

Para coletar a auto avaliação dos participantes sobre as intervenções realizadas, utilizou-se a técnica de grupo focal, definida por Morgan (1997) como uma técnica de pesquisa derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações grupais.

Cuidados éticos

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética (CAAE: 66072816.2.0000.5182), os pais ou responsáveis legais dos participantes foram solicitados a assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e as crianças a assinar um Termo de Assentimento.

Procedimento

As intervenções foram realizadas durante 12 encontros, que aconteceram duas vezes por semana. Nesses encontros foram trabalhados seis temas: empatia e bullying, empatia e preconceito racial, empatia e necessidades especiais, empatia e questões de gênero, empatia e comportamentos agressivos e empatia e altruísmo. As dinâmicas foram conduzidas por uma coordenadora e duas auxiliares, sendo atribuída a uma delas a responsabilidade pela realização de anotações no diário de campo. As intervenções duraram em média 50 minutos cada. As crianças participantes do GTA vivenciaram momentos de psicodrama (MORENO, 2003), enquanto as crianças do GTAD participaram das mesmas vivências de psicodrama do

GTA, e, em seguida, da roda de conversa, considerada um recurso metodológico que possibilita a fluidez de discursos e de negociações pelo estímulo ao argumento, ao contra-argumento, à exposição de posicionamentos e à escuta do posicionamento do outro (MÉLLO; SILVA; LIMA; PAOLO, 2007).

Logo depois do término do programa de empatia foi realizado um grupo focal para que os participantes avaliassem o efeito das intervenções. Após seis meses do término do programa, a técnica do grupo focal foi repetida com o objetivo de investigar se, segundo a percepção dos participantes, o efeito do programa foi duradouro.

Processamento e análise de dados

Os dados coletados no grupo focal, registrados no diário de campo, foram categorizados por cinco juízes, a partir do suporte teórico e metodológico da Análise de Conteúdo de Bardin (2011).

2) Empatia e Comportamentos agressivos infantis

Conforme citado na pesquisa anterior, tendo em vista o volume de dados decorrentes dessa pesquisa, que também foi realizada com uma abordagem quantitativa e qualitativa, será priorizada nesse trabalho a descrição metodológica quantitativa da avaliação docente.

Delineamento

Foi adotado o mesmo delineamento da pesquisa anterior, com a diferença na nomenclatura dos grupos e no tempo de avaliação do *follow-up*. De modo que os dois grupos experimentais e o de controle eram: (1) Grupo Técnica Afetiva-Discursiva (GTAD): mesma descrição citada na pesquisa anterior. (2) Grupo Técnica Informativa – Discursiva (GTID): os participantes eram submetidos a exposição de conteúdos sobre formas de agressão e posteriormente participavam de rodas de conversa sobre os temas abordados. (3) Grupo de controle (GC): mesma descrição da pesquisa anterior. Para avaliar os grupos, utilizou-se pré-teste, pós-teste e *follow-up* (após nove meses).

Participantes

43 alunos/as do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB/BR, provenientes da comunidade local, distribuídos em três grupos: (1) Grupo Técnica Afetiva-Discursiva (GTAD) - participaram 15 alunos/as, sendo 9 meninos e 6 meninas, com idades de 9 a 12 anos (M=9,9; DP=0,83). (2) Grupo Técnica Informativa –

Discursiva (GTID) - participaram 14 alunos/as, sendo 8 meninos e 6 meninas, com idades de 9 a 12 anos (M=9,50; DP=0,65). (3) Grupo de Controle (GC) - participaram 13 alunos/as, sendo 8 meninos e 6 meninas, entre 9 e 12 anos de idade (M=10,14; DP=0,94).

Participou da pesquisa como avaliadora do comportamento agressivo dos alunos/as uma professora com 43 anos de idade, com 20 anos de experiência na sala de aula, e atualmente ensina na escola em que foi realizada a pesquisa.

Instrumento de coleta de dados

Para avaliar a eficácia dos programas de intervenção na redução de comportamentos agressivos do ponto de vista docente, por considerar que os professores são informantes privilegiados, já que testemunham a relação direta da criança com seus pares (GOMES *et al.*, 2012), foi utilizado o Questionário de Avaliação de Comportamentos Agressivos do Discente (QACADI), construído pela segunda autora desse trabalho. Esse questionário avalia individualmente cada participante em relação a variável comportamentos agressivos, considerando o antes e depois da intervenção. É composto por um único item que deve ser respondido em uma escala intervalar, que varia de 0 a 10 para cada um dos discentes, sendo que 0 corresponde ao máximo de agressão e 10 ao mínimo.

Cuidados éticos

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética (CAAE: 91791518.6.0000.5182), os pais ou responsáveis legais dos participantes foram solicitados a assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e as crianças a assinar um Termo de Assentimento.

Procedimento

As intervenções foram realizadas durante 12 encontros, que aconteceram três vezes por semana. Nesses encontros foram trabalhados doze temas: raiva, hostilidade, agressão verbal, agressão física, *bullying*, agressão intrafamiliar, agressão contra a mulher, agressão racista, agressão a idosos, agressão ao meio ambiente, agressão intergrupar e, no último encontro, foi realizada uma revisão dos conteúdos trabalhados nos encontros anteriores. As dinâmicas foram conduzidas da mesma forma que na pesquisa anterior. As intervenções duraram em média 60 minutos cada. As crianças participantes do GTAD foram submetidas as mesmas vivências do GTAD da pesquisa anterior, enquanto as crianças do GTID foram

submetidas a apresentação de informações sobre o tema, em seguida a rodas de conversa para discutirem sobre as consequências e as formas de evitar agressões e, por fim, produziram desenhos sobre o que entenderam do conteúdo conversado.

Após a última intervenção, o Questionário de Avaliação de Comportamentos Agressivos do Discente (QACADI) foi respondido pela professora dos participantes dos grupos experimentais, de forma individual para cada participante, no ambiente da sala dos professores.

Processamento e análise de dados

Para a análise dos dados quantitativos decorrentes do questionário (QACADI), utilizou-se o programa *Statistical Package Social Science* (SPSS), o grau de significância adotado foi de $p \leq 0,05$. Para comparar os escores de comportamentos agressivos provenientes da avaliação docente, entre os grupos experimentais, realizou-se o teste *t* para amostras independentes, e para verificar as diferenças intra-grupais, realizou-se o teste *t* para amostras emparelhadas.

3) Suicídio na adolescência: empatia e disposição para ajudar

Diferente das pesquisas anteriores, a presente investigação não possui um delineamento interventivo, sendo caracterizada como uma pesquisa de base que buscou verificar a relação entre variáveis ainda pouco investigadas na literatura.

Delineamento

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, de natureza descritiva e exploratória e caráter correlacional.

Participantes

135 estudantes do ensino médio, do sexo masculino e do sexo feminino, com idade variando de 14 a 19 anos ($M=17,24$; $DP=1,44$). Os participantes se autodeclararam, em sua maioria, pardos (48,9%) e católicos(as) (38,5%). No tocante a renda mensal familiar, destacaram-se os participantes com renda entre 1 e 3 salários mínimos (68%). Além disso, a maior parte dos respondentes alegou ter conhecido alguém que morreu por suicídio (57%), bem como, em algum momento da vida, já ter tido pensamentos suicidas e/ou ter tentado suicídio (56,4%).

Instrumento de coleta de dados

Para verificar a relação existente entre o grau da empatia e a disposição de adolescentes para ajudar uma pessoa em risco de suicídio utilizou-se: a Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis (EMRI) validada para uso no Brasil por Koller, Camino e Ribeiro (2001). Esta é uma medida de empatia composta por 21 itens que abarca três subescalas com sete itens cada, que avaliam componentes afetivos (CE), cognitivos (CG) da empatia; a Escala de Apoio à pessoa com Risco de Suicídio (EARS), proposta inicialmente por Smith (1994) e validada para uso no Brasil por duas das autoras desse trabalho. Trata-se de uma medida composta por 13 itens que avalia o quanto uma pessoa está disposta para ajudar outra com risco de suicídio a partir de quatro dimensões distintas, a saber: assistência, informação, distração e conversação. Além disso, utilizou-se um questionário sociodemográfico com o objetivo de caracterizar a amostra.

Cuidados Éticos

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética (CAEE: 20337819.1.0000.5188), os pais ou responsáveis legais dos participantes menores de 18 anos foram solicitados a assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e estes a assinar um Termo de Assentimento. Os participantes maiores de 18 anos assinaram eles mesmos o TCLE.

Procedimento

Os dados foram coletados de forma *online* e presencial. A coleta presencial, ocorreu com os alunos em suas respectivas salas de aula em uma escola pública estadual da cidade de Campina Grande-PB/BR, tendo os instrumentos sido aplicados de forma coletiva, mas respondidos individualmente. Já a coleta *online* foi realizada com o apoio da ferramenta *Google Forms*. Nessa plataforma foram inseridos os instrumentos supramencionados. Posteriormente, o *link* deste formulário foi divulgado por meio de redes sociais como e-mail, *Facebook* e *WhatsApp*, e permaneceu aberto para respostas por um período de 8 dias. Sublinha-se que participaram da coleta *online* apenas aqueles estudantes que afirmaram ser maiores de 18 anos.

Processamento e análise de dados

Para análise de dados, utilizou-se o programa *Statistical Package for Social Science for Windows – SPSS*, versão 21. Inicialmente, para caracterizar a amostra, realizou-se análises

estatísticas descritivas (média, desvio padrão, frequência). Em seguida, para verificar se a empatia está relacionada à disposição de adolescentes para ajudar uma pessoa em risco de suicídio foram realizadas análises de correlação (r de Pearson). Por fim, para identificar se a empatia explica a disposição para ajudar foram realizadas análises multivariadas a partir da análise regressão linear simples.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1) Estratégias metodológicas para o desenvolvimento da empatia em ambiente educacional

Os dados do grupo focal, realizado logo após o término do programa de empatia (fase pós-teste), tanto do GTA, quanto do GTAD, foram organizados em duas categorias temáticas: “Demonstração da habilidade empática” e “Mudanças no cotidiano”. Por não ter sido verificada nenhuma diferença significativa entre os conteúdos obtidos entre as duas técnicas, nem entre o grupo focal realizado na fase pós-teste e o grupo focal realizado na fase do *follow-up*, a descrição das categorias será apresentada de forma conjunta.

A primeira categoria, intitulada “Demonstração da habilidade empática”, incluiu os relatos das crianças que, de alguma forma, revelaram em seus depoimentos que seguem pensando e/ou agindo de forma empática, mesmo após o término do projeto. Exemplos:

“Às vezes, percebo que o outro está triste” (J., sexo feminino, 9 anos). “Agora quando machuco um colega, percebo como ele fica” (R., sexo masculino, 9 anos). “Não devemos apelidar os outros porque isso deixa a pessoa magoada e se sentindo mal” (M.R., sexo feminino, 9 anos). “Penso no que o outro está sentindo” (S., sexo feminino, 9 anos). “Continuo vendo se aquele apelido o outro gosta, antes de falar” (R., sexo masculino, 11 anos).

É interessante notar que as falas das crianças organizadas nessa primeira categoria revelam que, na análise dos participantes, houve um aumento da sensibilidade empática em situações da vida real (exemplos: “Agora quando machuco um colega, percebo como ele fica”; “Quando respondo à professora, fico com vergonha”).

A segunda categoria, denominada “Mudanças no cotidiano”, compreendeu as falas das crianças que apontam mudanças que aconteceram em seu cotidiano após o fim do projeto. Os relatos traduzem mudanças em seus afetos, em sua forma de pensar e de se comportar no âmbito escolar, na vida familiar, e até mesmo na comunidade. Essas mudanças permaneceram, de acordo com os participantes das duas técnicas, mesmo depois de passados seis meses (*follow-up*). Essa foi a categoria que obteve o maior número de respostas. Exemplos:

“Eu fiquei mais amigo da merendeira e todo dia falo com o porteiro” (R., sexo masculino, 11 anos). “Melhorei com meu irmão menor, antes a gente só brigava, não dividia nada com ele” (J. V., sexo masculino, 9 anos). “Eu melhorei, quando me irritavam eu pegava a faca para ameaçar, não pego mais” (I., sexo masculino, 9 anos). “Estou fazendo as tarefas e ajudando a professora, ela até disse que eu estou melhor” (M. R., sexo feminino, 9 anos). “Mudou muitas coisas, parei de brigar mais em casa, tô respeitando mais e não tô puxando mais a faca para o pessoal” (K., sexo masculino, 11 anos). “Comecei a ajudar mais em casa, mãe fazia tudo só” (R., sexo masculino, 9 anos). “Eu parei mais de xingar os meninos lá da rua, tô mais calmo” (R., sexo masculino, 11 anos).

Como pode ser observado nas falas das crianças categorizadas como “Mudanças no cotidiano”, mais do que demonstrar que são capazes de empatizar com o outro, as crianças confirmam aquilo que a literatura já aponta, que é o fato de que a empatia é: (1) um fator de proteção contra comportamentos agressivos (PAVARINO; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005), o que se vê quando elas mencionam, por exemplo, que deixaram de “pegar a faca”; (2) uma variável que favorece práticas altruístas (AMORIM; SAMPAIO; CABRAL, 2018), exposta na afirmação de que passaram a ajudar em casa, por exemplo; e (3) um construto promotor de melhora nas relações interpessoais (WARDEN; MACKINNON, 2003), o que elas assinalam quando afirmam ter parado de brigar em casa, por exemplo.

Por fim, é importante mencionar que apesar dos dados apresentados no grupo focal não demonstrarem diferenças entre a eficácia da técnica aplicada no GTA e no GTAD, as outras análises realizadas (não apresentadas nesse manuscrito) revelam que a técnica que mescla psicodrama e discussão aplicadas no GTAD é a mais indicada.

2) Empatia e Comportamentos agressivos infantis

Com o objetivo de verificar a existência de diferença entre os efeitos das intervenções “afetiva-discursiva” e “informativa-discursiva” nos comportamentos agressivos das crianças pela perspectiva de um membro externo às intervenções e que tem contato direto com as crianças, foi realizada uma análise segundo a avaliação docente, na qual foi executado um Teste *t* para amostras independentes comparando os escores médios de agressividade atribuídos pela professora a esses dois grupos após o programa. Destaca-se que a professora atribuiu valores de 0 a 10 para cada um dos alunos, sendo que 0 corresponde ao máximo de agressão e 10 ao mínimo.

Os resultados indicaram que o escore médio de comportamentos agressivos atribuído aos participantes do GTAD ($M=9,64$; $DP=0,63$), no pós-teste, não se diferenciou do escore médio de comportamentos agressivos atribuídos aos participantes do GTID ($M=9,29$; $DP=1,03$) ($t(26) = 1,07$; $p=0,29$). O que mostra que, segundo a avaliação docente, as duas

estratégias de intervenção realizadas não se diferenciaram quanto aos efeitos na redução da agressividade das crianças participantes do programa.

A fim de verificar se também houve mudanças das medidas realizadas em cada grupo, antes e depois da intervenção segundo a avaliação da professora, foram realizados testes *t* para amostras emparelhadas com os escores atribuídos aos participantes de cada grupo. Os resultados mostraram que o GTAD reduziu significativamente a agressividade do pré-teste (M=7,50; DP=1,28) para o pós-teste (M=9,64; DP=0,63) ($t = -7,293$; $p < 0,01$), assim como o GTID, do pré-teste (M= 7,71; DP=1,72) para o pós-teste (M=9,29; DP=1,06) ($t = -3,78$; $p < 0,01$).

O fato de que os resultados das duas estratégias de intervenção adotadas se mostraram eficazes na redução de comportamentos agressivos corrobora o que a literatura diz sobre essas estratégias: (1) a maior capacidade de empatia contribui para o declínio da agressão (GARAIGORDOBIL; GALDEANO, 2006; JOLLIFE; FARRINGTON, 2011), (2) as discussões realizadas por meio de rodas de conversa auxiliam na compreensão de significados que podem incentivar aprendizagens e mudanças de comportamento (ADAMY *et al.*, 2018), neste caso a diminuição dos comportamentos agressivos. Além de que, a agressão pode ser reduzida quando são ensinadas, através de rodas de conversas, formas alternativas de respostas a agressão e são esclarecidas as consequências positivas e negativas de suas ações para o outro (STAUB, 1975).

É válido salientar que, apesar dos resultados da avaliação docente não apresentarem diferenças na eficácia das duas técnicas de intervenção analisadas, outras análises quantitativas e qualitativas realizadas (não mencionadas nesse manuscrito) relevaram que o GTAD apresentou maior redução da agressividade dos seus participantes, principalmente a longo prazo. Esse resultado confirma a influência do desenvolvimento empático na diminuição de comportamentos agressivos que, de acordo com Dutra, Galvão e Camino (2020), para além dessa diminuição, desenvolver empatia em crianças pode promover o bem-estar pessoal e favorecer a aprendizagem acadêmica e o desenvolvimento de habilidades sociais.

3) Suicídio na adolescência: empatia e disposição para ajudar

Buscando investigar a existência de uma relação entre o grau de empatia dos adolescentes e a disposição deles para ajudar uma pessoa em risco de suicídio, foi realizada uma análise de correlação, executando-se o teste de correlação de Pearson. Os resultados dessa análise indicaram que existe uma correlação positiva e significativa entre o grau de

empatia e a disposição para ajudar uma pessoa em risco de suicídio ($r = 0,44$; $p < 0,01$). Esses dados corroboram com a pesquisa realizada por Mueller e Waas (2002) que investigou a relação existente entre essas mesmas variáveis, no entanto, considerando estudantes universitários. Esses achados nos indicam que, seja com estudantes universitários seja com estudantes do ensino médio, a empatia é uma variável que se correlaciona positivamente com a disposição para ajudar em situações de risco de suicídio.

No entanto, como as análises de correlação não nos indicam a direção da relação, ou seja, qual o real papel da empatia sobre a disposição para ajudar, foi realizada uma análise de regressão simples, buscando verificar, especificamente, o quanto a empatia prevê a disposição de adolescentes para ajudar uma pessoa em risco de suicídio. Os resultados dessa análise demonstraram que a empatia prevê 16,5% da disposição para ajudar ($p < 0,001$; $\beta = 0,44$). A partir dos resultados destas análises, constata-se que a empatia se correlaciona e também explica uma parcela significativa da disposição para ajudar. Mas, afinal, quais as implicações desses achados?

As pesquisas apresentadas anteriormente demonstraram que: 1) é possível promover a habilidade empática utilizando estratégias metodológicas viáveis para o ambiente escolar; 2) essa habilidade, quando estimulada, acarreta uma série de benefícios tanto para o indivíduo que a pratica como para aquelas que estão em sua volta. Nesse sentido, a partir desses conhecimentos, somando-se a compreensão de que a empatia torna os adolescentes mais sensíveis a pessoas com risco de suicídio, é que se propõe o desenvolvimento de estratégias para a prevenção do suicídio na adolescência que incluam a empatia em seu repertório. Essas estratégias podem ser realizadas no ambiente escolar.

Estudos demonstraram que, quando passam por situações de intenso sofrimento, os adolescentes tendem a buscar apoio mais em pares da mesma idade do que em adultos e/ou profissionais (CURTIS, 2010). Entretanto, esses pares nem sempre conseguem perceber o sofrimento do outro e, muitas vezes, acabam acentuando esse sofrimento com o exercício de práticas como o *bullying* e os diferentes tipos de comportamentos agressivos.

Nesse sentido, a promoção da empatia visando a prevenção do suicídio poderia ser realizada a partir de sensibilizações e discussões a respeito de temas que são comuns na fase da adolescência, mas que quando não elaborados podem levar a comportamentos de risco, como o suicídio.

Exemplos de temas que poderiam ser trabalhados nas intervenções seriam: o *bullying*, os conflitos familiares, a baixa-autoestima, o preconceito (racial e de gênero), relacionamentos amorosos, entre outros. Por meio das técnicas aqui apresentadas, os

adolescentes poderiam ser levados a refletir sobre essas situações colocando-se no lugar uns dos outros. Isso possibilitaria que, ao invés de práticas como o *bullying*, os jovens pudessem acolher uns aos outros e estivessem mais atentos aos sinais de sofrimento, caracterizando assim, uma forma de prevenção ao suicídio em nível primário (PRADO, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho objetivou responder a seguinte pergunta principal? “É possível desenvolver a empatia no ambiente de sala de aula com crianças e adolescentes?”. De acordo com os resultados das pesquisas apresentadas, a resposta é sim. Também se constatou que há uma estratégia metodológica eficaz para se favorecer o desenvolvimento da empatia, por meio do uso articulado de técnicas de psicodrama e da discussão grupal; e que o desenvolvimento da empatia é potente para reduzir comportamentos agressivos de crianças e para aumentar a disposição de adolescentes a ajudar alguém que corre risco de suicídio.

Apesar da relevância de todos os trabalhos apresentados, considera-se oportuno que em pesquisas futuras, as intervenções não se restrinjam ao corpo discente. Sugere-se que haja uma capacitação voltada aos docentes e aos funcionários da escola (equipe pedagógica e equipe de apoio) que objetive tanto promover a habilidade empática entre eles, como fazê-los agentes de socialização empática, para que, durante toda a vivência escolar, os alunos sejam estimulados a terem experiências de se colocar no lugar do outro, sentir o que o outro sente e, a partir do sentimento gerado, consigam oferecer uma resposta afetiva mais adequada à situação do outro do que a sua própria situação. Também se considera relevante que o projeto de intervenção para o desenvolvimento da empatia consiga envolver, ainda, as famílias dos alunos e a comunidade em volta da escola. Dessa forma, acredita-se que é possível construir uma cultura empática, que poderá trazer benefícios sociais (como redução de comportamentos agressivos e o aumento da sensibilidade com o sofrimento do outro), bem como poderá favorecer um ambiente de aprendizagem, atravessado por relações mais afetivas e afetuosas.

REFERÊNCIAS

ADAMY, E. K.; ZOCHE, D. A. A.; VENDRUSCOLO, C.; SANTOS, J. L. G.; ALMEIDA, M. A. Validação na teoria fundamentada nos dados: rodas de conversa como estratégia metodológica. **Rev Bras Enferm.** v. 71, n. 6, p. 3299-304, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0488>.

AMORIM, D. A. de; SAMPAIO, R. L.; CABRAL, R. E. G. Altruism and empathy in situations involving unpredictable personal cost. **Ciencias Psicológicas**, 12(1), 7-15, 2018. <https://doi.org/10.22235/cp.v12i1.1589>

ARNOLD, R. Empathic intelligence: the phenomenon of intersubjective engagement. **Trabalho apresentado na I International Conference on Pedagogies and Learning Queensland**, Australia, 2003. Recuperado em 06 de julho de 2020, de <http://www.aare.edu.au/04pap/arn04242.pdf>.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUSSAB, V. S. R. O desenvolvimento de comportamentos pró-sociais na criança: considerações sobre a natureza dos fatores e dos processos envolvidos. **Temas em Psicologia**, 5(3), 19-26, 1997. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300003 (DOI INEXISTENTE).

CURTIS, C. Youth perceptions of suicide and help-seeking: 'They'd think I was weak or "mental"'. **Journal of Youth Studies**, 13(6), 699-715. 2010. <http://dx.doi.org/10.1080/13676261003801747>.

DUTRA, M. P.; BEZERRA, V. A. S.; SILVA, A. S.; ABREU, G. A.; GALVÃO, L. K. S. Empatia e comportamento pró-social: intervenção educacional na infância. In.: **Anais IV CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/36711>>. Acesso em: 19/08/2020.

DUTRA, M. P.; GALVÃO, L. K. S.; CAMINO, C. P. S. Promoção da empatia para redução de comportamentos agressivos: análise do grupo focal. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 46497-46505, jul. 2020. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv6n7-326>.

GALVÃO, L. K. S. Desenvolvimento moral e empatia: medidas, correlatos e intervenções educacionais. **Tese de Doutorado**, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 299, 2010. http://empatianaescola.org.br/wp-content/uploads/2017/10/SOUSA-GALVÃO-L.-Desenvolvimento-Moral-e-Empatia_Medidas-Correlatos-e-Intervenções-Educacionais-.pdf

GARAIGORDOBIL, M.; GALDEANO, P. G. Empatía em niños de 10 a 12 años. **Psicothema**, 18; (2): 180-186p, 2006. (DOI INEXISTENTE).

GOMES, L. B.; CREPALD, M. A. VIEIRA, M. L.; BIGRAS, M. A percepção de professores acerca da agressividade em pré-escolares. **Barbarói (Unisc Impresso)**, v.37, p. 88-104, 2012. (DOI INEXISTENTE).

HOFFMAN, M. L. Is altruism part of human nature? **Journal of Personality and Social Psychology**, 40 (1), 121-137, 1981. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.40.1.121>.

HOFFMAN, M. L. **Empathy and moral development**: implications for caring and justice. Cambridge, England: Cambridge University Press, 2000. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511805851>.

JOLLIFE, D.; FARRINGTON, D. P. Is low empathy related to bullying after controlling for individual and social background variables? **Journal of Adolescence**. 59-71, 2011. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2010.02.001>.

KOLLER, S. H.; CAMINO, C. P. S.; RIBEIRO, J. Adaptação e validação interna de duas escalas de empatia para uso no Brasil. **Estudos de Psicologia**. 18(3), 43-53. 2001. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2001000300004>.

MÉLLO, R. P.; SILVA, A. A.; LIMA, M. L. C.; PAOLO, A. F. D. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa. **Psicologia e Sociedade**, 19(3), 26-32, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300005>.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 2003.

MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative research**. London: Sage, 1997. <https://doi.org/10.4135/9781412984287>.

MUELLER, M. A.; WASS, G. A. College students' perceptions of suicide: the role of empathy on attitudes, evaluation, and responsiveness. **Death Studies**, 26(4), 325-341. 2002. <http://dx.doi.org/10.1080/074811802753594709>.

PAVARINO, M.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, 36(2), 127-134, 2005. <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1382/1082> (DOI INEXISTENTE).

PRADO, A. S. **Vamos falar sobre suicídio? A prevenção no ambiente escolar**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná. 2019.

SMITH, M. Perceptions and help-giving behaviors toward aggressive and distressed suicidal adolescents. **Tese de Doutorado**. Northern Illinois University, Illinois. 1994.

STAUB, E. Aprendizagem e Desaprendizagem de Agressão, In: SINGER, J. L. (org.) **O controle da agressão e da violência**. SP, EPU/ EDUSP, 1975.

VERDUCCI, S. A moral method? Thoughts on cultivating empathy through method acting. **Journal of Moral Education**, 29(1), 87-99, 2000. <https://doi.org/10.1080/030572400102952>.

WARDEN, D.; MACKINNON, S. Prosocial children, bullies and victims: an investigation of their sociometric status, empathy and social problem-solving strategies. **British Journal of Developmental Psychology**, 21, 376-385, 2003. <https://doi.org/10.1348/026151003322277757>.

Agradecimento

Ao CNPq e a CAPES por fornecerem bolsas a alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado, que colaboraram com a realização das pesquisas apresentadas.